



Artur Roman ❖

Doutor em Ciências da
Comunicação pela USP e
professor da FAE Business
School.

E-mail: artur@avalon.sul.com.br

RESPONSABILIDADE SOCIAL DAS EMPRESAS: UM POUCO DE HISTÓRIA E ALGUMAS REFLEXÕES

A PREOCUPAÇÃO DAS EMPRESAS COM A RESPONSABILIDADE SOCIAL DEVE
SER DISCUTIDA À LUZ DOS MOVIMENTOS DO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO

Um livro passou despercebido do grande público quando de sua publicação em 1944. O mundo, especialmente a Europa, sofria com a Segunda Guerra. As pessoas não estavam dispostas para leituras, embora essa obra, *O Caminho da Servidão*, escrita por Friedrich August Von Hayek (1899-1992 – Áustria), denunciasse os perigos de movimentos políticos como o nazismo e o fascismo, desencadeadores do grande conflito do qual padecia grande parte da humanidade naqueles anos.

Hayek apontava a impertinência de impor às nações regras criadas pelos homens para o funcionamento da economia, no lugar da ordem espontânea, complexa e auto-reguladora do mercado. Suas críticas eram dirigidas ao nacionalismo e ao controle da economia pelo Estado, que, na sua opinião, levariam à servidão.

A obra de Hayek retomava a idéia central de Adam Smith (1723-1790 – Escócia), em *A Riqueza das Nações* (1776), de que o governo não precisa interferir na economia. O mercado produziria bens na quantidade e no preço que a sociedade esperasse, levado por uma mão invisível que atuaria adequadamente se não houvesse impedimentos ao livre comércio.

Em 1974, trinta anos após a publicação de seu inflamado libelo, Hayek foi merecedor de homenagem por sua contribuição ao pensamento econômico contemporâneo, como expoente do pensamento liberal nos campos jurídico, político, filosófico e histórico.

O que mudou de 1944 a 1974? A história dessas três décadas nos ajudará a pensar a Responsabilidade Social (RS) das empresas, tema deste artigo.

❖ O BEM-ESTAR

Após a Segunda Guerra, a economia cresceu continuamente, nos moldes das teorias econômicas de John Maynard Keynes (1883-1946 – Inglaterra), que propunha a intervenção estatal na vida econômica, bem ao contrário do que pregava a ideologia liberal. Houve aumento de produtividade, pleno emprego e crescimento da renda *per capita*. Constituiu-se o sistema de proteção social mais sofisticado que a humanidade conseguira construir. E mantiveram-se os sistemas democráticos com participação maciça da população por meio da intermediação dos partidos políticos.

estratégias



Pois bem, nessa era de ouro do capitalismo (que não durou por muito tempo), o livro de Hayek era encontrado apenas nos sebos; e Adam Smith, estudado apenas pelo seu valor histórico. A época era keynesiana e antiliberal, assentada em um pacto entre o capital, o trabalho e o chamado Estado de Bem-Estar Social (*welfare state*), que tinha um papel ativo no controle das crises econômicas e no comando do desenvolvimento. A responsabilidade social era assumida pelo Estado.

• O COMEÇO DO MAL-ESTAR

A crise do petróleo, em 1973, seguida pela onda inflacionária, dentre outros acontecimentos, surpreende os Estados de Bem-Estar Social. Os ideólogos do neoliberalismo logo apareceram denunciando a inflação como resultado do Estado perdulário, chantageado pelos sindicatos. Responsabilizaram os impostos elevados e a regulamentação das atividades econômicas pela queda da produção. Para eles, o *welfare state* deveria ser desmontado, mediante a diminuição dos tributos, a privatização das empresas estatais e o esvaziamento dos sindicatos. Com o enfraquecimento da classe trabalhadora, haveria novas perspectivas de investimento. Os liberais dos tempos de Adam Smith lutavam contra o Estado absolutista. Os neoliberais, atualizando a luta, passam a combater o Estado de Bem-Estar Social.

Em 1974, Hayek ganha o prêmio Nobel de Economia. O Caminho da Servidão torna-se *best-seller* e referência quase bíblica do movimento neoliberal.

No final da década de 1980, um evento, que também nos ajuda a entender a preocupação das empresas hoje com responsabilidade social, marca simbolicamente a vitória inexorável dos neoliberais na queda de braço com os keynesianos, com repercussões fulminantes na América Latina.

• UNANIMIDADE NA RECEITA

Em 1989, o International Institute for Economy, de Washington, promoveu uma reunião da qual participaram governo americano, FED, Banco Mundial, FMI, BID, BIRD. O objetivo era discutir as reformas para a América Latina, assolada pela inflação, recessão e dívida externa. Como os organismos presentes eram uníssomos com relação aos caminhos que deveriam ser seguidos, chamou-se de "Consenso de Washington" o programa de reformas proposto, que incluía desregulação dos mercados, abertura comercial, flexibilização das leis trabalhistas, rigoroso ajuste fiscal, privatizações e redução da atuação do Estado e de sua participação na economia.

Consenso de Washington (1989) era um programa de reformas para a América Latina, que incluía desregulação dos mercados, abertura comercial, flexibilização das leis trabalhistas, rigoroso ajuste fiscal, privatizações e redução da atuação do Estado

Os países ricos estavam dizendo com clareza: não há disposição para emprestar dinheiro a quem não tem o orçamento fiscal equilibrado, uma moeda estável, uma economia aberta, os mercados financeiros desregulados, o comércio desprotegido e o Estado diminuído ao mínimo.

Inseridos nesse cenário é que devemos refletir sobre os discursos produzidos hoje sobre a responsabilidade social das empresas. O esvaziamento da capacidade do Estado para cumprir funções sociais, que lhe cabiam historicamente, deixou um vácuo que deve ser preenchido.

• FAMINTOS E OBESOS

As políticas neoliberais promoveram, sim, o crescimento econômico de muitos países, mas provocaram estragos sociais na periferia do capitalismo. A concentração de riquezas divide hoje o mundo em famintos e obesos. Todos doentes. Os governos nacionais, instâncias representativas da sociedade, desobrigaram-se da responsabilidade pela implementação de programas sociais, até mesmo por falta de condições políticas, financeiras e técnicas,

As políticas neoliberais promoveram sim o crescimento econômico de muitos países, mas provocaram estragos sociais na periferia do capitalismo. A concentração de riquezas divide hoje o mundo em famintos e obesos. Todos doentes

reafirmando a pregação neoliberal da incompetência estatal. A RS deve ser compreendida como parte da articulação das forças econômicas neoliberais que buscam amenizar os flagelos que elas mesmas criaram. RS é, portanto, em um primeiro momento, alívio para a consciência pesada das empresas. Em um segundo momento, porém, deve ser incorporada às estratégias das empresas e aos seus valores organizacionais, pois é uma das possibilidades de sobrevivência do capitalismo em sua versão contemporânea. Até quando?

Isso dependerá da capacidade das forças econômicas de transformar as estruturas que geraram a miséria em meio à riqueza. Sabemos, contudo, que, para isso, são necessárias ações radicais que vão além das forças auto-reguladoras do mercado. E não há qualquer garantia de que essas mudanças aconteçam, pois ir à raiz dos problemas implica questionar o conjunto de valores que sustentam a ordem econômica geradora de demandas por práticas de responsabilidade social.

Em um ponto todos concordamos: qualquer ação que minimize a miséria é válida. Mas é ingenuidade crer que as empresas, ao assumir algumas das funções do Estado, irão resolver os graves problemas sociais gerados pelo capitalismo. Ao tentar desempenhar esses papéis, fazem-no, certamente, sob a lente da lucratividade, objetivo legítimo de qualquer organização capitalista. •



Qualquer ação que minimize a miséria é válida. Mas é ingenuidade crer que as empresas, ao assumir algumas das funções do Estado, irão resolver os graves problemas sociais gerados pelo capitalismo

É difícil delimitar o campo mercadológico e o de consequência social. Muitas organizações, mesmo reconhecendo que suas iniciativas são paliativas, investem em ações com repercussão social. Devemos valorizá-las por isso. O desafio para essas empresas é diferenciar-se de outras tantas que glamorizam esporádicas ações filantrópicas, abrindo-as inconvenientemente sob o título de "marketing social".

A imprensa nos mostra que a sonegação fiscal no Brasil passa de uma centena de bilhões de reais por ano! A pregação neoliberal de desvalorização do Estado anima empresários pouco escrupulosos a assumir o papel de aplicadores do imposto que deveriam recolher. Se cada empresário entender que tem condições de suprir o papel do governo e de decidir em que aplicar os recursos que deveriam ser recolhidos como impostos,

a vida em sociedade se torna inviável. Se a carga tributária é exagerada, as empresas devem reivindicar, via mecanismos democráticos existentes, mudanças na política fiscal, afinal uma das principais bandeiras neoliberais. De que vale investir em programas sociais e deixar de recolher impostos?

Está muito distante das pretensões deste breve artigo propor soluções para os graves problemas aqui discutidos. Acreditamos que, tanto para minimizar alguns flagelos de que padecemos no Brasil, quanto para nos organizar como uma comunidade que consiga dar felicidade a seus integrantes, sem ter de fazer a opção dilemática entre ser tutelado pelo Estado ou pelo mercado, é necessário promover a reflexão crítica, madura e desapaixonada sobre as possibilidades culturais e históricas de nosso país. Desse debate devem participar todas as forças representativas da sociedade brasileira, conscientes de que se comprometer com os destinos da nação é a primeira das responsabilidades sociais. 

Se a carga tributária é exagerada, as empresas devem reivindicar, via mecanismos democráticos, mudanças na política fiscal. De que vale investir em programas sociais e sonegar impostos?

Camboa Resort Hotel.

Eventos, esportes, lazer. O parceiro completo.

Parque aquático • Saunas
Piscina interna aquecida • Ginástica
Massagem • Cabelereiro • Lojas • Playground
Salões de convenções para até 500 pessoas • 7 salas de apoio

CONSULTE NOSSOS PACOTES - Fone 41 423 2121 Fone/fax 41 422 3637
TOLL FREE 0800 703 1083 Escritório em Curitiba - Fone/fax 41 323 5546
camboa@hotelcamboa.com.br www.hotelcamboa.com.br

